



Costa alentejana: dois séculos de cartografia (XVII e XVIII)

António Martins Quaresma - quaresma.am@gmail.com ;

Alentejo, Turriano, Massai, Albernaz, Chermont

Território a vários títulos periférico, o Litoral Alentejano foi, durante o período em causa, objecto de representações cartográficas, decorrente, em última análise, da sua natureza de fronteira marítima. As fases em que estas representações se processaram ligaram-se frequentemente a desígnios do poder para a região, em resposta a problemas concretos ou para a realização de suas políticas.

Perto do fim do século XVI, iniciou-se, na costa do Pessegueiro (Sines), sob a direcção do engenheiro italiano Filipe Terzi, a construção de um porto oceânico, obra que se enquadrava na política da monarquia filipina para defesa e controlo do território. Tratou-se do primeiro grande projecto de engenharia marítima na costa alentejana. Indigitado Terzi para outras funções, a obra seria, na sua maior parte, dirigida por Alexandre Massai, engenheiro florentino recentemente chegado a Portugal na companhia de Frei Vincenzo Casalle, seu tio. Com o abandono deste frustrado projecto, Massai acabaria por ser destacado para Sines, a fim de conduzir a construção de uma calheta na baía e Sines, sob projecto de Leonardo Turriano, obra que se arrastou durante anos até a uma conclusão reduzida dos projectos efectuados. De todo este trabalho resultou um importante acervo cartográfico, já em levantamento de troços da costa, já em desenhos das obras portuárias e das fortificações associadas, desde o estuário do Mira à baía de Sines, cujo resultado está, na sua maior parte, contido em dois conhecidos códices existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Museu da Cidade de Lisboa.

A esta fase, correspondente a fins do século XVI e duas primeiras décadas do XVII, sucede um ciclo em que encontramos a representação cartográfica desta costa realizada por cartógrafos e não por engenheiros militares. É o caso dos desenhos de Pedro Teixeira Albernaz e seu irmão João Teixeira Albernaz, insertos em dois conhecidos atlas, já publicados. O primeiro, com quatro belas representações parciais da costa, é claro exemplo de regressão no rigor representativo do território, longe dos desenhos dos engenheiros que aqui tinham trabalhado algumas décadas antes, embora com longa influência nos mapas de Portugal seguintes.

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



No último quartel de Seiscentos, terminada a guerra da restauração, de novo os engenheiros militares – João Rodrigues Mouro e D. Diogo de Pardo Osório –, aparecem incumbidos de realizar trabalho de fortificação, tendente à solução de antigos problemas de segurança. Da tarefa do primeiro conhecem-se desenhos, que se encontram num códice da Torre do Tombo. Os desenhos disponíveis não alcançam a diversidade e a qualidade dos da época filipina, verificando-se inclusive a reutilização de mapas da época filipina.

Perto do fim do século XVIII, ocorre, no litoral alentejano, então pertencente, no militar, à Província da Estremadura, uma campanha de reconhecimento do território, com propostas de se passar à acção. Por ordem do Marquês de Angeja, ministro de Estado ao tempo de D. Maria I, o sargento-mor engenheiro João Gabriel de Chermont (ou Dechermont), de origem francesa, foi enviado, em 1781, à costa alentejana, onde desenvolveu trabalho em áreas diversas: recolha de dados sobre a população, mapeamento da costa, levantamento de plantas de povoações, bem como elaboração de projectos e orçamentos para obras portuárias e de fortificação. Com este engenheiro, esteve o ajudante Diogo Correia da Mota, cujo nome aparece em boa parte dos desenhos então elaborados. Ambos os engenheiros estiveram também ligados à fortificação da Praça de Setúbal. Os desenhos e o respectivo relatório, produzidos pelo labor destes engenheiros, encontram-se dispersos por diversos arquivos e bibliotecas, em Portugal e no estrangeiro, sendo de destacar o Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, o Arquivo Histórico Militar, o Instituto Geográfico Português e a Biblioteca Nacional de Portugal.

Um novo e final conjunto de desenhos desta vez não já produzidos por engenheiros militares ou por cartógrafos, surgiu na última década de Setecentos. Tratou-se de um projecto urbanístico, de formulação iluminista, originário na “escola” lisboeta que levou a cabo a reconstrução da cidade, destinado à fundação de uma nova povoação no litoral alentejano (Porto Covo), cujos desenhos se encontram na Torre do Tombo.

Este percurso cartográfico, no espaço (Litoral Alentejano) e no tempo (séculos XVII e XVIII), ilustra, por um lado, uma certa evolução da cartografia e mostra todo um trabalho efectuado mormente por diversos, e sempre polivalentes, engenheiros militares. Por outro lado, ele permite observar a utilização do desenho e dos mapas na realização de projectos emanados do Estado e o seu carácter de instrumento do poder.